



Gato SA apresenta:

2019

Hot Tea

Textos de

Harold Pinter

Encenação

Mário Primo

Genografia

João Calvário

Desenho de Luz

Rui Senos

Interpretação

Patrícia Figueira

Raul Oliveira

Rogério Bruno

Tomás Porto



FICHA TÉCNICA

Dramaturgia e Encenação:	Mário Primo	Carpintaria de Cena:	Manuel Magalhães
Textos:	Harold Pinter	Música:	João Martinho
Interpretação:	Patrícia Figueira Raul Oliveira Rogério Bruno Tomás Porto	Figurinos :	Helena Rosa
Cenografia:	João Calvário	Fotografia:	Victor Horta
		Cartaz:	Pedro Dias
		Duração :	1h, 20 m

38ª produção do GATO SA

O espectáculo HOT TEA, sendo de texto, foi preparado com as preocupações dominantes da procura de um Teatro de Arte feito para o público mas sem o “levar pela mão” e sem o condicionar... queremos cativar o espectador com as várias componentes do espectáculo que lhe apresentamos mas respeitando-o como receptor criativo capaz de preencher os vazios com a sua própria experiência e sensibilidade. Fazemos teatro colocando-nos no lugar de quem assiste áquilo que lhe damos a ver, não queremos confundir o espectador nem deixá-lo à deriva num mar de sugestões simbólicas e imagens metafóricas de sentidos escondidos. O teatro é para ser disfrutado por todos e o público não se escolhe.

Já agora, o título HOT TEA não é mais do que uma alusão à componente imagética da encenação.

HAROLD PINTER

"Uma coisa não é necessariamente verdadeira ou falsa; pode ser simultaneamente verdadeira e falsa." (Harold Pinter 1958)

HOT TEA é composto por cinco peças curtas da autoria de Harold Pinter: “A Noite”, “Nova Ordem Mundial”, “É só Isso”, “O Candidato” e “Victoria Station”. Emergem de todas elas, um pensamento discursivo, através do qual o autor mostra a inadequação da racionalidade para entender o sem sentido da condição humana, da prepotência exercida sobre os indefesos, do absurdo do quotidiano e do vazio existencial.

Harold Pinter – Nasceu a 10 de outubro de 1930 em East London. Foi dramaturgo, director, actor, poeta e activista político. Morreu em 24 de dezembro de 2008. Escreveu vinte e nove peças de teatro, vinte e um roteiros de cinema, dirigiu vinte e sete produções teatrais e escreveu para rádio e televisão. Reputado dramaturgo do Teatro do Absurdo, Pinter é considerado um dos mais importantes renovadores do teatro moderno com um estilo muito peculiar. Os seus textos, povoados de silêncios, estão marcados pela ambiguidade e pelo humor, desenhando ambientes de opressão, ameaça e alienação. É público o interesse de Pinter pela política. Ao longo dos anos falou vigorosamente sobre o abuso do poder do Estado em todo o mundo.

Harold Pinter foi agraciado com inúmeros prémios e distinções e em 2005 recebeu o Prémio



Nobel de Literatura.

Ao anunciar o prémio, Horace Engdahl, presidente da Academia Sueca, disse que “nas suas peças, Pinter descobre o precipício sob a fala do quotidiano e força a entrada em salas fechadas da opressão”.

SINOPSE

Histórias de gente comum, frágil, solitária, sitiada, oprimida, trazem-nos a problemática da violência e do sofrimento humano em diferentes aspectos e realidades contemporâneas e universais da vida, mas sem emitir juízos de valor que ficam para quem as leva consigo depois da sessão. O espectáculo pretende envolver o público num “universo de incertezas, contradições, mentiras, invenções”. Nelas, mais importante do que as acções, são as palavras encadeadas de forma sucinta e rarefeita entre silêncios ensurdecedores. Histórias, por vezes brutais, em que quem toma a palavra é não apenas o ameaçado mas também o manipulador e o torcionário.

A NOITE

A dificuldade do confronto das expectativas de quando jovem com a realidade numa fase avançada da vida a dois, quando o sexo e o afecto são substituídos pela rotina e pelo conformismo e quando o desprendimento carregado de silêncios escondem as frustrações e o vazio da existência.



NOVA ORDEM MUNDIAL

Nos anos sessenta e setenta assistimos em todo o mundo e de forma particular na América Latina à violência de regimes autoritários e repressivos suportados por estruturas de censura e controlo da opinião pública e organizações policiais com toda uma série infindável de métodos de intervenção, prisão, inquérito e tortura.



É SÓ ISSO

A solidão na velhice e a problemática da indiferença e do abandono da própria família que quantas vezes a própria vítima esconde por pudor ou por medo, recriando e mistificando “realidades” e alimentando sonhos tão calorosos quanto inverosímeis.

O CANDIDATO



As entrevistas de emprego, os “castings”, as candidaturas num mundo em que escasseiam as oportunidades podem levar ao abuso de poder, ao livre arbítrio de quem conduz os procedimentos e à sujeição de quem precisa à frieza dos procedimentos.

VICTORIA STATION



Duas vidas ligadas pela mesma função profissional e por um rádio/comunicador embora separadas fisicamente - o condutor de táxi e o funcionário da central telefónica. Uma comunicação dificultada pelos conflitos pessoais que se vão descobrindo ao longo desta história com um desfecho inesperado.

NOTAS DE ENCENAÇÃO

Dramaturgicamente o desafio principal situou-se na procura das situações coerentes com a caracterização das personagens e com as acções lógicas de suporte aos diálogos, sem desvirtuar o sentido dos textos. Assim a encenação de cada história inclui tempos de linguagem não verbal que ajudem o público a desligar da anterior e a situar a nova acção. Os textos, parcos em didascálias e notas introdutórias, deixam ao encenador a tarefa de os enquadrar em termos das acções e das movimentações de cena. Para além disso, tratando-se de 5 histórias distintas levou-nos a optar por soluções cenográficas simples mas dinâmicas que pudessem criar diferentes espaços e sugerir enquadramentos físicos adequados e síncronos com as histórias que situámos na década de setenta.

João Calvário que assina a concepção cenográfica, fê-lo num diálogo permanente com o encenador na procura de uma solução despojada e de uma uniformidade cromática que em seu entender melhor correspondem ao universo de Pinter. O recurso a painéis móveis ficou igualmente associado a uma dimensão generosa e a uma presença física que se impusesse nos pequenos palcos para que o espectáculo está vocacionado. Finalmente as peças de mobiliário de cena e os principais adereços foram concebidos de forma simbólica apelando à imaginação do público e recusando soluções realistas que seriam impossíveis para as peças mais difíceis. A concepção cenográfica apontava desde o início para a importância da iluminação para valorizar os volumes e planos móveis permitindo a utilização de cores, sombras e imagens.

Rui Senos realizou o desenho de luz mas não podendo operar os espectáculos limitou-se a uma solução mais simples ainda assim eficaz na definição das diferentes cenas. Pareceu igualmente importante o apoio de ambiências sonoras para a diferenciação das histórias e para acentuar alguns aspectos mais pertinentes de cada situação pelo que solicitámos a colaboração de João Martinho (Xoices) que aceitou esta incursão num universo criativo bem distinto do seu.

Finalmente o guarda roupa ficou a cargo da Helena Rosa que não apenas o situou na época em causa e na geografia das histórias mas deu coerência cromática e equilíbrio ao conjunto das cenas.

AGRADECIMENTOS

A montagem do espectáculo e a preparação geral de materiais foi uma tarefa amplamente participada pelo que os nossos agradecimentos a todos os que nela participaram de algum modo.

Agradecimento especial a: João Calvário, Manuel Sotto Mayor, Pedro Cardoso, Pedro Mira, STAND OS PUTOS, OPTIVISÃO, AMISSA, CARITAS.